



# A Ilustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, e tc.

### SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Santiltana; — *Os ovos frescos*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão; — *O az de espadas*, conto, trad. de Castor; — *O erroyo*, versos, por Narciso Alberto de Sousa; — *A paxista da agua furtada*, conto, trad. de Virgilio Salgado; — *D. Beatriz de Portugal* (continuação), por Alberto Pimentel; — *As nossas gravuras*, — 4 rir; — *Em familia* (passatempos); — *Um conselho por semana*; — *O Corsario Vermelho*, conto, por J. M. da Costa.

GRAVURAS: — *Dom Bosco*; — *O príncipe Oscar da Suecia e sua nova, mademoiselle Ebba Munk*; — *José Gregorio da Rosa Araújo*; — *Modas*; — *Manoel Utero de Acevedo*; — *A carga dos couraceiros em Reichshouffen*.

### CHRONICA

Maré cheia d'assumpto. Prêamar de novidades. Não ha fome que não dê em fartura.

Anda a chronica tempos e tempos a respigar no noticiario indigena um assumpto, e o noticiario, por mais que se esprema, não deita nada. Tal qual como os seios de mãe chlorotica, que não podem alimentar o filho rachitico e esfaimado.

Chega porém um dia, e o chronista, que adormecera narcotizado pela samsaboria do meio em que vi-



DOM BOSCO

ve, sente bater-lhe á porta, de tropel, um esquadrão d'acontecimentos palpitantes, todos elles empenachados, de grande uniforme, charamellas festivas á frente.

D'esta vez tivemos, nem mais nem menos, os seguintes:

- A Tuna compostellana;
- O Congresso agrícola;
- A procissão de Passos;
- A eleição d'um deputado por Lisboa.

Tudo isto n'uma semana, toda esta riqueza desusada em sete dias, afóra varios incidentellos que, á falta d'outro melhor assumpto, chegariam por si sós para bordar uma duzia de chronicas.

A Tuna foi a *great attraction* dos lisboetas, o prato de resistencia do seu variado *menu* semanal. E bello prato na verdade, contimentado pelo *sal y pimienta* da louca alegria hespanhola, que faz um contraste frizante com os nossos jubilos postiços e contrafeitos, apesar dos librettistas francezes teimarem em affirmar que — «os portuguezes são sempre alegres.»

Compunha-se a Tuna Compostellana de cincoenta e tantos rapazes despreoccupados e alegres, de bolsa leve e consciencia tão leve como a bolsa, uns estudantes, outros artistas, todos expansivos e galhofeiros, todos sonhadores e poetas, tendo por unica riqueza a sua mocidade ardente e viva.

De resto, pezava-lhes pouco a bagagem. Como vestuario unico, o traje pittoresco dos antigos estudantes das universidades hespanholas: calções e gibão de velludo negro com rendas na gola e nos punhos, meia preta, sapato de polimento com fivella, ligeira capa graciosamente cahida do hombro esquerdo, e chapéu de dois bicos, o classico chapéu tradicional, tendo na aba a legendaria colher com que os estudantes bohemios do tempo de Calderon comiam os sobejos da sopa fradesca ás portarias dos conventos.

Na mala commum, o strictamente preciso, em roupas brancas, para andarem decentes, comtanto que não ultrapassassem o prazo marcado para a excursão.

E assim vieram até nós, os *tunos* de S. Thiago de Compostella, de violinos, violas, flautas e panderetas debaixo do braço, atirando os livros por cima dos moinhos, e alegrando o nosso meio lugubre com a nota hilariante das suas phisionomias sympathicas, dos seus trajes graciosos, dos seus concertos agradabilissimos, da sua palavra entusiastica e sonora, dos seus cantares, das suas *peteneras*, das suas *malagueñas*...

O Porto, Coimbra e Lisboa receberam n'os de braços abertos, como quem recebe amigos de casa. Nós fomos abertamente prodigos em primores de cortezia e de affabilidade para com os nossos hospedes, e elles, em paga, não nos regatearam primores de gentileza e de reconhecimento sincero.

A visita dos *tunos* veio evidenciar mais uma vez a fraternidade dos dois povos da peninsula. E note-se que, entre os *tunos*, não vinha nem uma tuna. Se viesse, o entusiasmo indigena não caberia dentro dos limites do paiz.

Entretido com os academicos compostellanos, o bom do nosso povo pouco lhe importou saber se haverá guerra, se o genro do sr. Grévy será condemnado como *escroc* pelos tribunaes de Paris, e se o Kronprinz morre da cura que lhe fizeram os medicos allemães e inglezes. O governo e a policia esqueceram-se até dos anarchistas, esse partido medonho que as *Nvidades* tinham descoberto depois da brutal aggressão a Pinheiro Chagas, e que, até hoje, parece ser apenas composto por quatro homens: — tres soldados e um cabo.

Diante da Tuna, a questão Hersent poz-se de parte. No Pinto, o galante Magriço da Luiza Michel, ninguem mais pensou.

Apenas como appendice ao carnaval recém-morto, não se esqueceram de inaugurar no salão da Trindade o *soi-disant* Congresso agrícola. E melhor fôra que se houvessem esquecido, porque o entrudo passou, e estamos entrados pela quaresma.

Do resto, nós tínhamos já um parlamento para rir. Dois parlamentos, um em S. Bento e outro na Trindade, achamos muito. Nem o governo chega para tanta coisa.

Mas que demonio de local os congressistas fôram escolher para tratar as questões vitaes do pão e dos azeites! O salão da Trindade!

Entrámos ali como simples curiosos. A ornamentação era chimfrin, de quintalorio réles onde se dão *salsifrés* ao ar livre. Pelos ambitos da sala cheirava ainda ás saturnaes da terça feira gorda, com salada de lagosta servida em gabinete particular. No ar, sentia-se o perfume indefinivel das bisnagas, misturado ao cheiro acre e nauseante da transpiração das *pierrettes*.

Se não vissemos logo á entrada a calva luzidia e veneranda do sr. Pinto Coelho, diriamos estar assistindo á continuação dos bailes do entrudo, tanto mais, que encontrámos o governo n'aquelle pagode, disfarçado em protector da agricultura nacional.

Discursava aos circumstantes o illustre possuidor da calva a que nos nos referimos, pedindo para serem elevados os direitos sobre os cereaes estrangeiros. Ora, como d'essa providencia resultaria necessariamente a carestia do pão, ficámos sabendo que o sr. Pinto Coelho, ainda por cima de nos não dar agua, quer condemnar-nos a nunca mais comermos uma torrada.

Demonio do homem!

No fim de contas, a pobre agricultura, coitadinha, fica como estava, apesar das tristes nenias dos congressistas, e de se ter desdobrado em dois o parlamento nacional.

Entretanto, o Senhor dos Passos, ajojado sob o peso da sua enorme cruz, depois de lhe terem sido feitas as lavagens e a *toilette* do estylo, passeiava da Graça para S. Roque e de S. Roque para a Graça a funda tristeza do seu rosto salpicado de lagrimas e de sangue, caminhando lentamente, na maior das indifferenças pela roupa nova do trinque, que lhe tinham vestido, pelas flores frescas que lhe circumdavam o andor, pela frieza cortante que enregelava a humanidade peccadora e pela decadencia manifesta do esplendor com que d'antes o exhibiam á veneração dos fieis, no tempo em que havia fieis e veneração.

Muito decahida esta pobre procissão dos Passos da Graça. Desde que cada qual trata de se arranjar como pode, esquecendo o divino e mettendo-se pelo profano, largando a igreja para se dar á politica, os irmãos do Senhor dos Passos diminuíram consideravelmente de numero. Desappareçam da circulação algumas calvas devotas que ainda acompanham no seu passeio a imagem do Nazareno, e esta encontrar-se-ha sem familia na terra.

E' mais divertido fazer eleições do que seguir um andor por essas ruas fóra. E' mais rendoso ir deitar um voto na urna, do que beijar o pé aos santos. Pelo voto, pode receber-se 45500, além do tradicional carneiro com batatas; ao passo que pelo osculo no calcanhar das sagradas imagens, não se recebe nada.

Compenetrado d'esta verdade, o povo de Lisboa que não acompanhou procissionalmente o Senhor dos Passos da Graça, correu em massa a votar nos srs. Martinho Tenreiro e Theophilo Braga.

A chronica não fez nenhuma das cousas: primeiro, porque teve medo de se constipar; segundo, porque não está recenseada.

# OS OVOS FRESCOS

(Paul Aróno)

Eu tinha então dezeseis annos e um coração ardente, povoado de vagos desejos que se traduziam em uma unica ambição: amar e ser amado.

Uma calamidade publica realisou-me, inesperadamente, o meu ideal.

O cholera, importado da Asia, approximava-se. O terror alastrou-se por todo o littoral, contagiando as tepidas cidades onde vem, durante o inverno, aquecer os membros enregelados a preguiça cosmopolita, divagando á sombra dos laranjeas carregados de fructos de ouro e das tamareiras coroadas de palmas ondeantes, engastando as margens dos golfos azues como um enorme collar de perolas.

Todos fugiam; o caminho de ferro não existia então; carruagens, vehiculos de todos os generos subiam, noute e dia, para os nossos valles.

O acanhado burgo montanhez, para onde me exilara a vontade de um tutor dscaravel; a modesta aldeia, de ordinario tão silenciosa e deserta, illuminou-se de subito.

As hospedarias encheram-se a deitar fóra, as casas particulares, semeadas por entre jardins e pomares, foram invadidas por uma legião de estrangeiras, de rapazes estroinas e de millonarios.

Tratava-se apenas de escolher, entre tantas mulheres formosissimas, que exameavam, aos domingos, na pobre egreja rustica, impregnando-a de perfumes femininos, agitando setins e rendas caras.

Uma, acima de todas, fixou a minha attenção.

Loira, franzina, com a suave languidez que na mocidade parece o distinctivo das creaturas ideaes, habitava, juntamente com uma creada, uma casinha campestre que alugara.

Vivia só e sem procurar relações. Soube depois que era cantora de um alcazar marselhez, o que explica a sua reserva.

N'esse tempo, porém, tudo ignorava, á excepção do nome do meu idolo, que se chamava Dolinda.

Um nome argentino, que me vibrava no coração!

Como cusaria fallar-lhe, se ella me não houvesse primeiro dirigido a palavra para me pedir uma informação, ao encontrar-me no seu passeio matinal?

Seguiram-se outros encontros, outras perguntas, a felicidade, enfim, o ideal dos meus sonhos!

A' hora em que todos dormiam, iamos passeiar ao campo, divagavamos por entre as aleas em flor, eu orgulhoso, mas receando ser visto, ella escendendo a cara nas pregas da mantilha.

Não tardou que me admittisse em sua casa. Compunha, pelo rythmo das suas musicas preferidas, versos que ella cantava com uma voz encantadora e velada. A creada velha não se dava por offendida.

Dolinda, sem ser noviça, (reflexão feita pelo meu actual scepticismo, visto que n'aquelle tempo um raio da lua, projectado na agua, era menos virginalmente branco do que Dolinda), sem ser inteiramente innocente, Dolinda conservava entretanto no fundo da sua alma uma sensibilidade, simultaneamente candida e apaixonada.

Amar-me-hia ella? Pela minha parte, amava-a exageradamente. Surprehendida embora com as minhas adorações e os meus extasis,—vejo ainda os seus olhos curiosos, fulgurantes de malicia,—Dolinda experimentava um prazer novo em sentir-se assim amada.

Como já disse, Dolinda tinha a voz velada. Um nada, uma ligeira bruma, mas esse imperceptivel senão desesperava-a.

A' parte o receio do cholera, fóra tambem na esperança de curar a sua garganta de ave que ella viera respirar o vivificante ar das montanhas.

Dolinda seguia um regimen tão simples quanto infalivel, o qual consistia em tomar um ovo fresco na occasião da comida. Era necessario, porém, que os ovos fossem postos n'esse mesmo dia, que viessem ainda tepidos. Como se sabe, é difficilimo encontrarem-se no campo ovos frescos. Todos os ovos frescos são vendidos pelos camponeses nos mercados das grandes cidades, e os que apparecem na aldeia tem, pelo menos, uma ou duas semanas.

Dolinda zangava-se; a creada dispunha-se a abandonar o seu serviço. Eu pensava nos ovos postos pelas gallinhas de minha tia, em casa de quem residia.

Na capoeira da minha velha tia havia, quotidianamente, dois ovos. A boa senhora deleitava-se, indo offerecel-os ás pessoas importantes das suas relações. Fallava-se com leuor dos seus ovos; os seus ovos tinham conquistado uma verdadeira celebridade. Pedir-lh'os, era impossivel, sobre tudo tratando-se de uma estranha. Tomei o partido de roubar-os.

Das duas primeiras vezes, sahi-me bem da minha empreza;

á terceira, porém, minha tia mostrou-se inquieta. Declarou que a desappareição dos seus ovos só poderia provir de algum gatuno ou, talvez, de algum animal damninho, e encarregou-me de fazer sentinella de noute, de espingarda ao hombro. De dia, seria ella que vigiaria a capoeira.

Calcullem o ridiculo da minha situação, preso ao meu posto de sentinella, á hora em que Dolinda me esperava!...

De subito, occorreu-me uma idéa sublime; descarreguei para o ar a espingarda. Minha tia compareceu logo. Assegurei-lhe que vira uma rapoza e que a ferira. A rapoza fugira, deixando um rastro de sangue no muro, e decerto não voltaria.

No dia immediato, minha tia achou os ovos no logar do costume.

O que não obsteu a que Dolinda continuasse a saborear os seus ovos frescos, que não lhe faltaram nunca.

Eis a minha idéa: comprei um cesto de ovos, e sempre que ouvia a gallinha cacarejar, introduzia-me na capoeira e substituia o ovo acabado de pôr por um dos ovos do cesto.

D'essa maneira, a preciosa voz de Dolinda melhorava de dia para dia, e minha tia, de posse dos seus ovos, não suspeitava cousa alguma.

Parte do meu tempo passava-o na capoeira, d'onde sabia com os cabellos cheios de palha e a algibeira cheia de ovos. Uma noute, na occasião em que ambos fitavamos as estrellas, esborra-chei, no acto de assentar-me, dois ou tres ovos, ao som das gargalhadas de Dolinda. Felizmente, eram dos outros, dos da reserva.

Não lograrei nunca descrever as suaves angustias e os jubilos supplicantes que esses ovos me custaram, durante dois mezes!

Mas tudo fiada n'este mundo, mesmo as epidemias cholericas. Um dia, Dolinda, chamada por um telegramma, ausentou-se.

N'essa tarde, jantou em nossa casa o primeiro vigario, um gastronomo de fino paladar.

A' meza, serviram-lhe o seu manjar predilecto: ovos frescos cozidos, misturados com azeitonas.

O padre aceitou-os sem enthusiasmo e provou-os sem convicção. Da repente, porém, a sua physionomia illuminou-se.

—Ora ainda bem, exclamou o vigario, d'esta vez reconheço os seus ovos! N'estes ultimos tempos, embora eu não ousasse dizer-lh'o, os seus ovos frescos, minha senhora, tinham o gosto caracteristico dos ovos velhos.

O rubor subiu-me ás faces; querendo dissimular a minha perturbacção, acudi de prompto:

—Effectivamente, o sr. vigario tem razão. Mas desde o momento em que o restabelecimento dos ovos coincide com o desapparecimento da epidemia, não lhe parece que se poderá explicar este estranho facto como a resultante de uma causa mysteriosa, devida á influencia do cholera?

GUOMAR TORREZÃO.

# O AZ DE ESPADAS

(De J. Richepin)

Ninguem me tira da cabeça que os russos têm o craneo organizado differentemente do resto dos homens! Com o seu natural, plasmado n'uma civilisação *raffinée* e n'uma *barbarie* sempre vivaz, tem um tal modo de tratar as coisas e pessoas, um proceder tão original, uma tal bizarría na paixão, que é o pasmo d'aquelles mesmos que julgam conhecê-los como os seus deões.

Foi assim que Boris Mirskow me deixou hontem de bocca aberta, ao referir-me, com um ar aliás absolutamente sereno e desprendido, o estranho desenlace dos seus amores com a princeza de Z...

E, todavia, se ha no mundo um Russo que se tenha despido de todos os *tics* de raça, um Russo em que, por mais que *raspem*, não são capazes de encontrar o Caucaso, um Caucaso em que é impossivel farejar o urso, se ha em Paris um sujeito verdadeiramente parisiense, sceptico, leviano, inimigo do Romantismo e repassado de correcção moderna, é, sem duvida nenhuma, esse loiro Boris!

Uma cara de boneca e um coração idem, tal é o peregrino. Quanto ao mais, encantador, exquisito, suave mesmo, de tal sorte o seu amavel egoismo sabe fazer da vida uma coisa agradável e serena, quer para si, quer para os outros. Com esta soberana indifferença, nem a mais pequena discussão a recciar, nem o minimo enthusiasmo a arrostar! Que delicioso companheiro! Que soberba expansão de uma alma tranquilla! Ou antes, que maravilhosa ausencia de alma!

Tudo isto, pensava-o eu, ainda antes de hontem. Maráol! Como elle nos enganava a todos, com os seus modos de ingenuo, e quem havia de suppor que havia de ser elle o heroe d'essa aventura

ouca, extraordinária, inverosímil! Palavra que ainda se me arrepiam as carnes!

«O senhor conhece o príncipe, pelo menos de reputação,— me disse elle. E' um jogador emérito. Pouco menos de entrevado, passa os dias n'uma vasta poltrona, vivend' apenas para a sua paixão. As suas mãos enfraquecidas só tem o vigor bastante para suster e jogar as cartas. E n' compensação, a cabeça é solida, a razão clara. Ninguém conhece melhor as combinações do *écarté*, o seu jogo favorito, esse jogo divino, em que se acham contrabalançados o mais exactamente possível os recursos da arte e as contingências do azar. Pode dizer-se que é um Moltke no genero.

Respeito á princeza, qual é o parisiense que a não conhece, a ella e á sua historia? Escuso dizer-lhe que, quando entrei no goso dos seus favores, chegava em vigesimo logar. Em vigesimo, não contando senão os nomes notaveis. Não vá suppor por isto que quero irrogar-lhe a mais leve censura. Deus me defendal! Ella é o que é. De resto, com uma marido como o príncipe, tudo é permitido, não acha? Tanto mais que o príncipe encarou sempre a coisa com a maior philosophia. Era como se de nada soubesse. Mesmo quando fallavam na sua presença em maridos infelizes, costumava perguntar:

—Elle viu?

E se lhe respondiam que não, acrescentava:

—Então não é um homem enganado. Com o adulterio succede o mesmo que com o fogo, só é enganado quem dá por isso.

Ora, é necessario confessar que a princeza, embora procedendo mal, procedia bem n'esse ponto.

Ella evitava o escandalo, salvava as apparencias, e sacrificava nas aras do deus travesso com uma habilidade prestigiosa.

Se o príncipe era o Moltke do *écarté*, a princeza era o Robert-Hondin do adulterio.

«Mas não ha escamoteador, por mais dextro que seja, que não acabe por ser descoberto; basta que tenha um confrade inhabil ou malevo. Foi o que succedeu n'este caso.

A princeza tinha por criada grave uma cigana, de uma dedicação de panthera domesticada. Domesticada, mas, em todo o caso, pantheral!

Esta rapariga, não sei porque, disse-me um dia entre duas portas:

—Amo-te.

Desfechei uma gargalhada.

—Amo te, repetiu ella, e ha já muito tempo. Não quero que estejas mais com a princeza.

Apesar do acento selvatico, apesar do brilho dos seus olhos amarellos, só lhe reparei na cara, mais amarella ainda, e continuei a rir a bom rir. Imaginei que ella tivesse bebido demasiado kummiss, e com a maior indulgencia pela sua embriaguez, respallou-a mansamente; porque eu tambem tinha a cabeça um tanto esquentada pelo champagne.

—Não queres? volveu ella agarrando-se ao meu braço e beijand' me a mão. Dize, não queres?

E, como eu cada vez risse mais, olhou-me de frente, rangendo os dentes, e abriu-me a porta do *boudoir*, dizendo-me em voz baixa e azeda:

—Ha de arrepend'er-se, meu caro senhor, creia que se ha de arrepend'er!

Uma hora depois, ria ainda a bom rir com a princeza, assentados no grande divan azul onde ella tanto gostava de repousar. Subito, sentimos gritos no pequeno *boudoir* que precedia o quarto da cama, gritos e ruido de passos.

—A voz do príncipe! Não é possível! exclamou Eliza.

Pois era, era a voz do príncipe, que repetia n'um tom agudo:

—Mas tu estás doida, rapariga! O'ha que me fazes doer!

Conjunctamente ouviam-se varias outras vozes. E, por de sobre o clamor geral, o falsete furioso da Cigana coinchando:

—Ha de ver! Ha de ver toda a gente! Sou eu que o quero. E que ninguém me toque, aliaz mordo-lhe o gasnete. A porta, arrombem a porta!

—Sim, sim, arrombem a porta! bradou o príncipe.

Foi dito e feito. O disfarce era impossivel! era impossivel esconder-me. Tanto mais que eu não o queria.

Appareceram então uma duzia de pessoas, amigos da casa, criados, e no meio de todos, a Cigana, trazendo o príncipe ao collo como a uma creança. Ella tinha pegado n'elle á força, n'um accesso de raiva, com uma violencia de vendaval que arrebatava uma folha. E deixou-o cair no chão, bramindo:

—Vés agora, vés?

—Agarrem n'a! exclamou o príncipe. Ha de ir trabalhar para as minas!

—Que me importa isso, a mim? respondeu ella estendendo os braços a dois mujicks. Agora estou vingada.

E voltando-se para mim, ajuntou:

—Nunca mais a verás.

A uma ordem do príncipe, que tinham erguido do chão e sentado n'uma poltrona, todos sahiram do quarto, com excepção de dois amigos a quem elle pediu que ficassem.

—Senhor, me disse elle quando nos achámos sós, eu podia matar-o e á sua cumplice, e punir o flagrante delicto, segundo o direito que me assiste. Mas apraz me não o fazer e pedir-lhe uma reparação pelas armas.

Palavra! como momentos antes com a Cigana, estive a pique de soltar uma gargalhada. Um duello com um entrevado! Mas um duello a que? Elle não podia manobrar uma espada nem uma pistola!

O príncipe comprehendeu o meu pensamento e proseguiu:

—Não me julgue mais doido nem mais generoso do que o que eu sou. O duello que lhe proponho é de todo o ponto realisavel, como vae ver.

Tocou a campainha e appareceu um criado.

—Vá á sala e traga me um baralho de cartas,—lhe disse elle.

Uma vez trazido o baralho para cima de uma mesa que mandou approximar da poltrona, o príncipe designou-me com o dedo uma cadeira e ajuntou com modo muito sereno e quasi affavel:

—Vamos jogar uma partida, meu caro senhor, e aquelle que perder, matar-se-ha amanhã antes do meio dia. Aceita?

—Aceito. Que jogo ha de ser?

—O *écarté*, se quizer.

—Seja o *écarté*. Aos quantos pontos?

—Aos cinco.

A partida começou á vista de duas testemunhas e da princeza, que se tinha approximado, atrahida a seu pesar pela singularidade d'este duello.

O príncipe era mestre, não havia a menor duvida. Mas o acaso favoreceu-me de um modo surprehendente. Não tardou que ambos estivessemos a quatro e... quatro.

Escusa de contar-me o final da historia! disse eu para Boris. Adivinha-se bem, visto que está aqui. Foi o príncipe que perdeu.

—Engana-se completamente, respondeu Boris. O príncipe ganhou.

—Mas então?...

E não pude reprimir um gesto de desprezo, pensando que Boris tinha tido a covardia de faltar á sua palavra. Elle sorriu maliciosamente e continuou:

—Veja, leia este bilhetinho que eu recebi um quarto de hora depois, no momento em que estava examinando a fecharia do meu revólver.

E apresentou-me um az de espaldas, em que o príncipe tinha escripto o seguinte:

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

«Segundo as minhas theorias, vossa excellencia não foi roubado, visto que não deu pelo logro. Mas eu sinto que me seria já agora impossivel pegar nas cartas, depois de as ter deshonorado. «E viver sem ellas ser-me hia impossivel! Ha pedaço fiz batota, pela primeira vez na minha vida. Estavamos ambos com quatro pontos, e eu snbtrahi uma carta e voltei o rei. Queira perdoar! «O príncipe vae voltar-se tambem, e para sempre.»

CASTOR,

## O ARROIO

(Imitação do al'cãmão)

Puro arroio transparente,  
que banhas os salgueiraes  
com tua lympha de prata,  
d'onde vens, para onde vaes?

Venho do seio da rocha  
escura, e vou dar á flôr,  
com os meus humidos labios,  
ardentes beijos d'amor.

E se a brisa perfumosa,  
baf-jada lá do sul,  
me não turva a face pura,  
eu retrato o céu azul.

NARCISO ALBERTO DE SOUSA.



O PRINCIPE OSCAR DA SUECIA E SUA NOIVA, MADEMOISELLE EBBA MUNCK

## A PIANISTA DA AGUA FURTADA

Um anno pouco mais ou menos antes da morte de Alfredo de Musset, mademoizelle Collin, cuja dedicação o acompanhou até ao extremo da sua tão gloriosa como atribulada carreira, sentiu subir para o andar superior aquelle em que morava o poeta, uma rapariga formosa, mas d'uma alvura de estatua.

A joven parou á porta do quarto, que havia muito estava deshabitado, com grande satisfação de Musset, que não gostava de ter vizinhos no andar de cima.

A rapariga vinha habitar a casa. Mademoizelle Collin soube depois que a infeliz estava no ultimo periodo d'uma tísica.

Fallou uma ou outra vez a respeito d'ella ao poeta, mas sempre de passagem.

A pobre enferma nem se ouvia andar sequer! portanto, não podia incomodar de modo algum o arrebatado escriptor, nem nos seus extasis de poeta, nem durante o leve somno das suas noites mal dormidas. Assim, pois, chegaram a esquecer que existia tal creatura, quando um dia Musset entrou de repente, furioso, pelo gabinete donde pouco antes havia sabido tranquillamente.

—Previno-a, exclama elle para a governante, de que não volto a esta casa nem para comer, nem para dormir. Vou para um hotel. Fica pois dispensada do meu serviço. Não torno a pôr os pés aqui.

Que demonio teria acontecido assim, tão de repente?

Uma coisa muito simples.

Quando o poeta ia a sahir, esbarrrou com uns moços de fretes, que iam carr-gando com um piano para o andar de cima.

Um piano! Um piano e para quem!... para a nova inquilina cujo quarto ficava exactamente por cima do seu!

D'ahi em diante estava previsto! aquella casa tão sosegada, situada n'um bairro tão retirado, onde nem sequer passava uma carruagem, ia tornar-se o inferno!

Um piano! que horror! Um piano onde a respectiva dona havia de matraquear na occasião exactamente em que o poeta estaria entregue as suas meditações...

—Ah que supplicio cruel!... Descança, que não lograrás azoinar-me os ouvidos!...

—E' pôr me ao fresco quanto antes! hoje mesmo! immediatamente!...

A governante não fazia senão tranquillisar o poeta, caprichoso como uma creança.

—Mas, senhor—dizia ella ao ver Musset aterrado, pallido, possuido de desalente profundo, a bengala n'uma das mãos e o chapéu na outra,—socegue. Pois não será uma loucura abandonar assim a casa, só por um receio, quem sabe se infundado?... Quanta gente ha ahi que tem piano só por luxo, mas que não toca?... Depois, a rapariga está tão doente... Ora... Nem ella tem alentos para tocar! Quem sabe, talvez a gente nunca chegue a ouvir o tal realejo!... Em todo o caso, se ella começar a sanphonar no piano, todo o tempo é tempo de deixarmos a casa. Tenha paciencia por uns dias... Pelo menos dê me tempo a que procure outra casa se tiver de deixar esta, onde no fim de contas nos temos dado tão bem...

Com este discurso suasorio a pobre mulher acabou por acalmar o valetudinario poeta, que sahia promettendo voltar e aguardar pacientemente a explosão musical, tão temida para elle, como as de dynamite o podem ser para qualquer testa coroadada.

Quando voltou para casa, Collin nada tinha ouvido; nem um unico som sequer tinha vibrado n'aquella casa mergulhada sempre n'um silencio sepulchral.

Decorreu muito tempo, e nada! absolutamente nada! Chegando um certo dia, ouve-se de repente correr uma escala. Musset levanta-se sobresaltado, pega no chapéu e na bengala e corre para a porta; chegado porém ahi, pára e fica estatico, como que pregado ao chão, de ouvido á escuta, aspirando o som do piano. Volta para traz pé ante pé, e subjugado, senta-se, pousa o chapéu no chão, appoia o rosto no conto da bengala e faz signal a Collin, que lhe seguia os movimentos, para que se assente e escute.

—Sublime! exclama o poeta a meia voz.

—Não acha triste? observou a dedicada governante.

—Sim, talvez, mas é delicioso! e continua immovel uma hora contada pelo relógio, sob uma chuva maviosissima de notas plangentes, que pareciam causar-lhe a um tempo refrigerio e embriaguez.

Cuttinger, um poeta delicioso, amigo intimo de Musset veio surprehender o n'este extasis. Bom musico, como era, Cuttinger reconheceu logo ás primeiras notas que a musica executada era uma melodia de Schubert.

Musset havia-se transfigurado.

—Se ella toca sempre assim, declaro-te que nunca mais saio de casa.

Com effeito, de então em diante Musset raras vezes sahia, recendo deixar de ouvir a inspirada artista, que exhalava toda a sensibilidade da sua alma delicada, n'aquelles sons dolentes.

Passaram-se assim uns mezes. O poeta anciava a cada instante por ouvir as deliciosas harmonias da pianista, que parecia lhe adulceravam a alma.

Apenas soava o piano, caia-lhe a penna da mão!

Cuttinger assistia muitas vezes a esta scena, partilhando com o seu amigo, do entusiasmo produzido pelos sons que ao ingrato instrumento sabia arrancar a sentimental executante das mais bellas paginas dos mestres inspirados da melodia, nomeando ao mesmo os titulos das obras evocadas.

Que importavam porém ao phantastico poeta os nomes das obras que promanam do ceu!...

Musset não tratou nunca de conhecer a artista. Comprazia-se em julgal-a uma fada, uma creatura do ceu, cuja alma vibrava como a d'elle n'uma commum harmonia.

Casta e divina alliança a da musica e da poesia!...

\*  
\*  
\*

Esta paixão mystica durou talvez perto de tres mezes, depois dos quaes o poeta, aggravados os seus padecimentos, começou a ensurdecer. Por essa occasião o piano emudeceu tambem, como se a desventurada artista tivesse presentido que já não podia ser escutada.

Collin, cada vez mais preocupada com os cuidados que prodigalisava a Musset, só pensava n'elle, sem cogitar sequer na «pianista da agua furtada».

Muitas semanas angustiosas se passaram, até que Musset cahiu na cama.

Paulo, irmão do poeta, só a muito custo lhe arrancava uma ou outra palavra, porque Musset tinha grande dificuldade em perceber o. Paulo, que raras vezes abandonava o leito onde o irmão jazia perfeitamente inerte, na ante-vespera da morte viu-o levantar se radiante, e de improviso, impondo-lhe silencio, exclamar, com voz off-gante:—Escuta! Lá esta ella a tocar!...

Com a respiração suspensa, seguia em pensamento um rythmo que só elle ouvia, um accordo melodioso, puramente ideal.

Surdo aos rumores do mundo, ao desditoso poeta só era licito escutar as harmonias ficticias que apenas existiam na sua alma inspirada!...

—Ouves? dizia elle de quando em quando a seu irmão, que via as sombras da morte começarem a espalhar se lhe no semblante.

—E' ella! E' inebriante! E' uma harmonia celeste!

Dize-me como se chama. Queria saber-lhe o nome.

Paulo foi perguntal-o a Collin, que lh'o não soube dizer. Na verdade, que importava á pobre mulher o nome d'uma creatura que pouco ou nada lhe interessava?...

O doente rompia uma e outra vez n'um impeto de agitação e repetia impaciente:

—Como se chama? Não querem dizer-me o nome, mas eu quero sabel-o!

E começava de novo a escutar a fletit melodia...

Na fronte gélida resplandecia-lhe então a aureola dos inspirados, a beatitude dos eleitos! Ao acordar do extasis, repetiu ainda com voz febril:

—E então? o nome?...

Paulo mandou por fim Collin perguntar ao porteiro o nome da pianista, recommendando-lhe que tomasse mais algumas informações a seu respeito.

Collin trouxe a noticia de que a infeliz se chamava mademoiselle d'Artigo e que tinha morrido no proprio dia em que o piano deixara de ouvir-se.

Syllaba por syllaba, Paulo conseguiu a muito custo fazer penetrar o nome no ouvido do poeta. Elle ouviu-o, por que o repetiu momentos antes de soltar o derradeiro alento.

Foi o ultimo nome que os seus labios proferiram.

TRAD

VIDIGAL SALGADO.

## D. BEATRIZ DE PORTUGAL

II

(Continuado do numero antecedente)

A dama que inspirara a paixão de Bernardim Rubeiro tinha os olhos verdes.

No capitulo XXI da *Menina e moça* encontra-se o romance

Pensando-vos estou filha



JOSÉ GREGORIO DA ROSA ARAUJO

que Garrett reproduziu no terceiro volume do *Romanceiro* com o título de—*A ama*.

N'esse cantar, à maneira de scian, como o classifica Garrett, encontra-se a seguinte allusão.

Mas não pode ser, senhora,  
Pera mal nenhum nascerdes,  
Com esse riso gracioso  
Que tendes sob olhos verdes.

Entre as eclogas de Bernardim Ribeiro encontra-se outro romance, que Almeida Garrett também reproduziu com o título de *Cuidado e desejo*, e ahí depara-se-nos uma outra referencia à cor dos olhos da sua dama:

Seus olhos verdes rasgados  
De lagrimas carregados, etc.

Conhecemos dois retratos da infanta D. Beatriz de Portugal, duquesa de Saboya.

Um foi publicado no periodico litterario *Universo pittoresco*. O artigo que o acompanha tem a assignatura do fallecido escriptor S. J. Ribeiro de Sá.

O artigo nada adeanta, mas o retrato é copia do que se encontra em Turim na galeria dos retratos dos duques e duquezas de Saboya. Enviou o para Portugal o sr. Miguel Martins Dantas, hoje ministro de Portugal em Londres, e então addido à legação de Sua Magestade Fidelissima em Turim.

O sr. Dantas fez acompanhar a copia d'esse retrato, que deve considerar-se authenticico, das seguintes indicações:

«Rosto claro, olhos castanhos escuros, cabellos castanhos claro, bonet de velludo preto adornado de pedraria, e uma pluma branca; no pescoço um adreze de pedras roxas engastadas em oiro, acabando com uma perola. Uma especie de lenço, ao que parece de cambraia, com muito feitio occupa o espaço do degote —em roda uma bordadura de oiro. O vestido é de fazenda (não velludo) cor de castanha, atirando para roxo, com tufo branco nas mangas, rematados com pedras roxas também engastadas em oiro, punhos brancos de renda, colar de perolas acabando com tres pedras eguaes ás outras: desde a cintura até ao chão ha um cordão formado de pedras azuladas engastadas em oiro.»

Pela descripção d'este retrato, existente na galeria de Turim, e que para todos os effeitos, repetimos, se deve considerar authenticico, sabemos que os olhos da infanta D. Beatriz não eram verdes, como os que descreve Bernardim Ribeiro, mas castanhos escuros.

D'aqui, pois, se pode tirar um novo argumento para reforçar a opinião, aliás hoje dominante, de que não foi a infanta D. Beatriz a mulher amada pelo poeta das saudades.

Do outro retrato só ha pouco tempo tivemos conhecimento.

No leilão da livraria do fallecido visconde de Juromenha compramos, unicamente attrahidos pela indicação do respectivo catalogo, um livro intitulado—*Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo, duchessa di Savoia, con documenti per il barone Gaudenzio Claretta, membro della R Deputazione sopra gli studi di storia patria—Torino 1863, tipografia Eredi Botta, Palazzo Carignano.*

Não tinhamos a menor noticia d'este livro, que versava um dos mais interessantes assumptos da historia de Portugal, não obstante haver sido publicado em 1863.

E como temos por indispensavel estudar a historia portugueza, para apural-a com segurança, pelo confronto do que escreveram os nossos historiadores com os dos paizes que conosco tiveram relações politicas em determinadas epochas, fossem essas relações devidas a um casamento, a um tratado, a uma guerra ou a qualquer outra causa—systema este em que principalmente ha-seamos o nosso estudo historico ácerca da Excellente Senhora, *Rainha sem reino*, — procuramos a todo o custo obter esse livro, para nós desconhecido, cujo titulo nos aguçara a curiosidade e o interesse de possuil-o.

Mal diriamos n'essa occasião que, também pela perda de um espolio, adquiririamos pouco depois outro livro do mesmo auctor ácerca de uma epocha não menos notavel da historia portugueza.

O barão Gaudenzio Claretta dá n'aquelle seu livro noticia de duas medalhas que o duque de Saboya Carlos III mandara cunhar para perpetuar a memoria de sua esposa.

Uma d'ellas tem de um lado a effigie de D. Beatriz com a legenda: *Beatrix dux Sabavdiæ* e do outro os escudos de Saboya e Portugal com esta inscripção: *Hispaniæ regis filia an swa et. 36.*

A segunda medalha, que se encontra reproduzida no frontespicio do livro, representa a duquesa de Saboya, ricamente vestida, com a legenda: *Beatrix decus Portvgalliarum ducissa Sabavdiæ.*

Um argumento salta desde já aos bicos da penna.

Se Carlos III tivesse menospresado sua mulher pela revelação do segredo dos seus amores com um cavalleiro portuguez, como Herculauo depreheende do codice por elle publicado no *Pano-*

*ramz*, não haveria decerto manifestado pela morte da duquesa um tão profundo sentimento como aquelle que se traduz pelo facto de haver mandado cunhar não apenas uma só medalha commemorativa, — mas duas.

A effigie de D. Beatriz, gravada na segunda medalha, é claro que nada pode aproveitar para tirarmos a limpo a cor dos seus olhos. Mas a este respeito basta o testemunho fidedigno, a que já nos referimos, do sr. Miguel Martins Dantas. Em todo caso a medalha é muito interessante, pois que reproduz, e devemos suppor que com fidelidade official, as feições da infanta portugueza e a sua toilette.

A medalha representa-a com um toucado de pedras preciosas, que lhe circumdam os cabellos apartados ao meio e cabidos em madeixas sobre os hombros. Vestido de decote escanteado. Um pequeno cabeção de recortes com tres voltas de pedraria. Collar pendente. A meio do peito uma cruz suspensa da orla do decote.

As feições do retrato enviado pelo sr. Dantas ajustam-se inteiramente ás da effigie que a medalha representa: Nariz comprido, bocca pequena e grossa, testa alta, sobrancelhas pouco espessas e arqueadas, pescoço alto e bem lançado, estatura erecta porte gentil.

(Continúa)

ALBERTO PIMENTEL.

## AS NOSSAS GRAVURAS

DJM BOSCO

Morreu ha poucos dias em Turim, com 73 annos d'idade, o fundador das missões de S. Francisco de Salles, Dom Bosco, a quem chamavam o S. Vicente de Paulo italiano.

O povo de Italia considerava-o um propheta e tinha por elle a maior veneração.

Dom Bosco, o humilde religioso d'aspecto simples e quasi vulgar, fundou, durante a sua vida, 150 estabelecimentos destinados a receber creanças pobres.

Morreu extenuado pelas fadigas da caridade, mas morreu feliz, deixando para o futuro uma obra indestructivel.

O PRINCIPE OSCAR DA SUECIA E SUA NOIVA. MADEMOISELLE

EBBA MUNCK

E' já official a noticia do proximo casamento do principe Oscar, segundo filho do rei da Suecia, com uma joven sueca, oriunda de familia modesta, Ebba Munck.

Este casamento é o epilogo d'um delicioso romance d'amor iniciado nos salões da côrte.

A noiva, mademoiselle Munck, era dama de honor da princeza real da Suecia, filha do grão-duque de Bade. Acorrentado á sua belleza, havia um bando enorme de admiradores. Entre elles contava-se um moço official de cavallaria, que solicitou a sua mão. A instancias de varias amigas, Mlle. Munck concedeu-lh'a. O dia do casamento foi fixado, encomendou-se o enxoval, mas eis senão quando, a gentil noiva volta com a palavra atraz, allegando que os sentimentos do noivo não eram sinceros.

Nada poudo vencer as suas duvidas, e mademoiselle Munck affastou-se por algum tempo da côrte. Quando voltou, a sua belleza era levemente velada por uma expressão de doce melancolia. O principe Oscar viu-a e apaixonou-se. Ella, conhecendo a distancia que a separava do filho do rei, tornou a abandonar a côrte, depois de declarar aos seus que não se casaria nunca.

A joven sueca foi esconder as magoas do seu coração n'um hospício de Stockolmo, onde tomou os habitos de irmã de caridade.

O principe dirigiu-se ali, pediu-lhe uma entrevista e colheu dos seus labios a declaração de que era também amado.

A rainha consentiu sem difficuldade no enlace, e o rei, que a principio recusou o seu consentimento, acabou por fim de o conceder.

Realisar-se-ha, pois, dentro em pouco o casamento morganatico do principe Oscar com a escolhida do seu coração, mademoiselle Munck.

O principe, em virtude da constituição sueca, perderá por este facto, além dos seus direitos ao throno, os titulos d'altaza real e de duque de Gotland, bem como a pensão annual que lhe era concedida pela Dieta e o seu palacio em Stockolmo.

Depois de casado, chamar-se-ha principe Bernadotte.



O príncipe Oscar nasceu em 15 de novembro de 1859; é alto, loiro, tem olhos azues, nariz aquilino e usa a barba toda. É official de marinha distincto e muito veriado em construcções navaes.

Mademoiselle Ebba Munck é filha d'um coronel do exercito sueco e pertence a uma antiga familia flandesa muito distincta, embora modesta.

Como se vê do retrato que hoje publicamos, é formosissima.

#### JOSÉ GREGORIO DA ROSA ARAUJO

J. G. da Rosa Araujo, é um homem bemquisto.

No amago de muitas arrogancias, que por ani se desvanecem e pavoneiam, não se encontra um rasgo que possa ser comparado ao mais vulgar do seu animo beneficente. E todavia, é modestissimo. Não o seduz o arruido das festas, nem o deslumbram pompas vaidosas ou exterioridades mentidas; o que o attrahe são os soffrimentos silenciosos e recatados, as dores occultas e mysteriosas, as lagrimas das creanças desvalidas, e a indigencia espirital das creanças analfabetas.

É um dos maiores influentes das escolas populares, é um dos obreiros mais activos de todas as instituições de piedade e de beneficencia, e um dos agentes mais poderosos de todas as associações de soccorros humanitarios; é um dos amigos mais dedicados e prestantes de todos os estabelecimentos de credito, destinados a auxiliar o commercio e as industrias, a acudir-lhes nas suas difficuldades e a animar-os nos seus empreendimentos.

No principio do anno de 1876 deliberou Rosa Araujo promover a organização de uma sociedade protectora de *crèches*, comunicando logo a alguns amigos mais intimos o seu intento, que foi por elles acolhido com mostras dignas da idéa e do seu iniciador.

Cinco mezes depois—em 27 de junho—eram approvados os estatutos da instituição nascente; no dia 29 do mesmo mez reunia-se a assembléa geral para proceder á eleição dos corpos gerentes; no dia 5 de novembro seguinte inauguravam suas magestades, a convite de Rosa Araujo, a primeira *crèche* d'esta sociedade em um magnifico palacio situado na freguezia de S. Vicente de Fóra. Foi imponente aquella solemnidade.

Lembra-nos ainda que, quando ella terminava, el-rei apertou muito affectuosamente a mão a Rosa Araujo, e approximando-se de uma meza sobre a qual estava o livro destinado á inscripção dos nomes das pessoas que visitassem o estabelecimento, n'ella escreveu duas phrases, que são tão dignas do coração magnanimo do monarcha, como são honrosas para este cavalheiro benemerito, que associou indissolvelmente á sua felicidade intima o amor pela familia inumeravel dos infortunados, dos desvalidos.

Ao cabo de dez mezes tinham sido recolhidas n'aquella casa centenas de creancinhas.

Entendendo que a *crèche* devia ser mudada para uma casa edificada expressamente para esse fim, tratou de adquirir os terrenos necessarios, em um dos pontos mais alegres, mais sadios e desafogados da cidade, e logo que os adquiriu, occupou-se da construcção á sua custa, conseguindo inaugural-a no dia 10 de novembro de 1878, assistindo suas magestades á inauguração.

Foi dispendiosissima a construcção do novo edificio. A sociedade a que elle pertence fez em duas palavras eloquentissimas o relatorio d'esta obra, deliberando:—1.º, que o nome da *crèche* fosse o da fallecida mãe de Rosa Araujo;—2.º, que o retrato d'este benemerito fosse collocado na sala principal do estabelecimento.

A sociedade, dando este baptismo á *crèche*, convencida de que não haveria modo mais significativo de testemunhar a sua gratidão para com Rosa Araujo, fez implicitamente a apologia do amor e do respeito filial d'este cavalheiro.

J. G. da Rosa Araujo foi presidente da camara municipal de Lisboa, depois de ter feito parte como camarista de muitas e successivas vereações. Tem servido judiciosamente os cargos mais importantes de todos ou quasi todos os bancos e companhias; é um dos principaes capitalistas da praça de Lisboa; é um dos homens a quem, entre nós, a beneficencia publica e a instrucção popular devem mais assignalados serviços.

Em conclusão: Rosa Araujo é um homem honrado, um character leal, um amigo incomparavel. É extremamente obsequiador, mas os seus obsequios tem ainda um valor especial, que consiste na maneira delicada por que elle os faz, e na rapidez com que os esquece. Ao esquecer-os assim, é que elle deve o não conhecer os ingratos; e ao não os querer conhecer, o nunca se arrender da sua generosidade e bizzaria.

#### MODAS

Duas lindissimas *toilettes*:

1.º—*Toilette* de estar em casa, de *toile creme*. Corpete franzido na frente, guaincico com um folha de renda, que cruza no

peito; mangas tambem guarnecidas de renda. Saia armada em prégas, e enfeitada aos lados com folhos de renda. Cordão de seda á roda da cintura.

Faz-se este vestido com sete metros de *voile* muito largo.

2.º—*Toilette* de recepção em *faille* franceza. Corpete aberto, bordado aos lados com contas e applicações de velludo. O corpete abre sobre uma camisinha de cambraia de seda, franzida ao alto e tendo quatro tiras de rufos em linha horisontal. Gola de velludo, mangas justas, com tiras de velludo nos canhões.

#### MANUEL OTERO DE ACEVEDO

Manuel Otero de Acevedo é o presidente da *Tuna Compostelana* que acaba de visitar-nos e de realisar em Lisboa alguns concertos com grande successo.

A *Tuna* consta de cincoenta e tantos rapazes, vestindo o traço classico das universidades hespanholas: gibão de velludo preto, com rendas nas mangas e na gollinha, calção e meia pretos, chapeu bicorne enfiado ao travez, e tendo na aba a picaresca colher da bohemia universitaria, no tempo de Vega e Calderon. Como accessorio de *toilette*, uma capa curta, enrolada no busto com graça. No hombro, discriminando as faculdades, laços de cores diversas, com grandes pontas fluctuando.

Entre as figuras, algumas ha de um certo character, com a petulancia irrequieta da raça, o ar garoto da idade adolescente, e tambem um certo orgulho da popularidade conquistada no nosso paiz, para elles desconhecido.

São quasi todos intelligentes, falladores e communicativos.

Tem, sobretudo, uma preoccupação d'eloquencia quando fallam; e uma phrase mais viva enthusiasma-os, quando mais não seja, pela sonora musica da dicção.

A maior parte d'elles são bons musicos, e n'esse numero figura Otero.

O tempo, que podem furtar aos seus labores escolares, aproveitam-no em cultivar a arte musical, e, ass.m, organisaram uma orchestra composta de violinos, violas, bandurras e flautas, que nos inebria com os seus cantos doces e alegres, tão bem ensaiados, tão bem estudados e comprehendidos, que mais parecem uma educação professional do que um passatempo de rapazes.

#### A CARGA DOS COURACEIROS EM REICHSHONFFEN

(*Specimen das gravuras da «Historia de França»*)

A carga de Reichshonffen foi um d'aquelles actos de desespero do exercito francez na desgraçada campanha de 1870—1871 contra a Prussia. Nada se conhece de mais brilhante e de mais arrojado. Os couraceiros francezes cahiram como uns leões sobre o inimigo, mas este dizimou-os com o fogo vivissimo da sua artilharia. Metade dos esquadrões ficaram no terreno

#### A RIR

—Joquinha, vá abrir aquella janella.  
—Não pode ser, minha senhora; o visinho defronte tem a janella aberta, e estabelece-se uma corrente de ar.

X... costuma sempre dizer, quando tem convidados á meza, a cada prato que apparece:

—Meus amigos, isto deve comer-se regado com vinho. D'outra forma, não sabe bem.

A' sobremeza, repete a mesma recommendação.

Ha dias, um dos seus amigos observou-lhe:

—Final, com o que é que tu não bebes vinho?

—Eu? com água.

Anastacio entra esbaforido no gabinete de trabalho de seu amo, e diz-lhe:

—Senhor, o *Lucifer*, o cão cá de casa, acaba de morder a senhora sua sogral

—Então, será talvez conveniente applicar um ferro em brasa...

—Não me parece; o animal não ficou ferido...



1899

MODAS

# EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## Charada conimbricense

(Retribuição ao exímio charadista, J. Soares)

A primeira vertical,  
Sabe o que é?  
Se não atina, pergunte-o.  
A um *néné*.

Na que se segue, a segunda  
Vertical,  
Vê, se acaso não me engano,  
Vegetal.

A' primeira horizontal,  
Eu lhe peço  
Que por rápidos momentos  
De apreço.

A segunda, charadista,  
E' cidade;  
Procura-a na grande Russia,  
A' vontade.

Na primeira diagonal,  
Pressuroso  
Procura, que acha um fructo  
Saboroso.

Na ultima, que é segunda  
Diagonal,  
Encontra certo vestido  
Oriental.

MATHIUS JUNIOR.

## Charadas transpostas (\*)

(Ao insigne charadista, Manoel Gonçalves Ribeiro, da Vallinha,  
que receberá, se as decifrar, um retrato do author)

- 3 Prisão e castigo.
- 3 Defeito mesquinho.
- 3 Mácula no centro.
- 3 Instrumento e ambar.
- 2 Guia e vaso indiano.
- 2 Estofa e nome proprio.

Monsão.

JOAQUIM AUGUSTO CORREIA.

(\*) Vide *Almanach de Lembranças* de 1888, pag. 438.

## Salto de cavallo

(Logogripho por syllabas)

						tan	ou	mei	ve	gnal	lhas						
						pri	do	jun	fo	ra	zes						
						ça	do	as	▲	ver	si						
						ou	a	en	tão	in	ter						
						a	en	ra	cer	to	des						
						e	mal	cer	ou	cei	di						
e	ça	ve	ra	que	que	at	pri	zes	cam	ta	traz	ta	rá	guem	cor	ta	syll
ge	a	ra	for	do	mei	ve	te	a	as	te	por	já	ri	quar	la	tin	mais
do	quar	tal	é	ta	ta	lem	ci	ri	gen	em	es	se	al	per	da	as	re
quar	cei	do	ta	es	as	at	nu	em	men	cums	se	gra	res	da	ta	bas	rão
ti	po	do	te	com	a	ti	as	tan	ca	ça	si	da	ca	na	da	pe	tas
ter	to	ves	rem	ma	mos	que	pre	ti	cir	gun	phi	do	o	ti	jun	e	taes
						cto	cam	da	ca	con	ge						
						e	aos	tin	os	in	são						
						sem	lu	di	clu	dis	os						
						lei	de	tar	um	ri	ma						
						gar	he	a	res	con	bem						
						pcis	to	em	si	pri	cu						

## Decifrações

DAS CHARADAS TELEGRAMMAS: —Baal—Tavão —Locusta —Ita-  
poza—Vara.

DA CHARADA PROBLEMATICA:—Desprezo.

DA CHARADA MAPPA:—

Ja	la	pa
La	me	go
Pa	go	de

DA CHARADA EM TRIANGULO:—

M a d e i r a  
a l e i v e  
d e i x a  
e i x o  
i v a  
r e  
a

DO PROBLEMA:—6 na direita e 4 na esquerda.

## UM CONSELHO POR SEMANA

## ELIXIR ODONTALGICO

Alcoolato de alecrim..... 80 gram.  
Raiz de pyrethro..... 10 "

Fõe-se em maceração. Filtra-se, e usa-se para lavar a bocca.

## O CORSARIO VERMELHO

Os esplendores da civilização ainda não chegaram á pequena aldeia marítima de Porto Formoso, na ilha de S. Miguel, o que não impede que ella seja poeticamente embalada pelo murmurio das vagas do oceano Atlantico que banha aquellas regiões, e se remire no azul infundavel do céu.

Não tem os caes sumptuosos das velhas cidades europeas, antes o rustico areal das praias solitarias.

Estamos em plena primavera. O sol doira com os raios quentes toda a paisagem. Das cabanas dos pescadores, saem as espiraes do fumo patriarchal do *ménage*. As creanças em bandos, galopam freneticamente, montadas em corseis de canna, enchendo o ar com os risos crystalinos; e as raparigas casadoiras, arregaçadas até meia perna, lavam a roupa na beira mar.

Ha uma intensidade de vida aldeã por toda a parte.

Ao longe, na linna do horisonte, divisa-se como azas de borboleta as velas latinas dos barcos costeiros. As raparigas, como todos os habitantes da costa, longamente exercitadas; em differençar a distancia, o typo dos barcos e navios, vão apontando os que pertencem á ilha e os que são totalmente estranhos.

—Aquelle agora, é o barco do João das Redes! exclamam ellas em côro, reconhecendo as tres velas pontegudas de uma embarcação que se dirige de vento em popa para a costa.

E ficam-se a olhar embevecidas, n'esse aspecto contemplativo que caracteriza as populações das aldeias marítimas.

O barco, effectivamente, aproxima-se; cresce á medida que avança; já se divisa a tripulação; uma hora depois, encalha na areia, e os homens saltam em terra com as calças arregaçadas até ao joelho. As raparigas correm para elles. São os paes, irmãos e namorados. Querem ajudal-os na descarga e precipitam-se sobre os objectos que encham o barco, cheias de curiosidade juvenil.

O barco vem da cidade, e em troca da carga de peixe que

foi vender, traz as mil e uma encomendas para os habitantes do lugar. Estabelece-se a confusão, a algazarra característica das praias. Ha risos, gargalhadas, exclamações, pragas. Os namorados trazem presentes: espelhos, lenços, sapatos, chitas, estampas de santos, cirios, louças, etc.

Todos estão contentes, mas ninguem mais do que a formosa Maria do Rosario, á qual o seu namorado, um valente moço, offerece um chale fulgurante, de uma côr de sangue esplendida, com uma silva de flores amarellas na barra.

A bella Maria do Rosario, quando tal viu, suffocou de admiração; e os seus labios carnudos e airosos, só poderam murmurar n'um enlevo:

—Aii! Joaquim da minh'alma!

E o olhar ardente e terno que lhe lançou, seria capaz de derreter gelo.

As amigas rodearam-na, flicitando-a, e o chale andou de mão em mão. Era evidente que o Joaquim a amava devéras, com esse amor sereno e ingenuo da gente do povo. Todos a invejavam, e a Maria sentia-se feliz, vendo deslizar suavemente os seus dias côr de rosa e oiro, na radiosa esperança do futuro.

Para o verão, no dia da festa do orago da freguezia, devia ser o casamento. E tudo se preparava para esse fim. Mas um dia chegou á aldeia o correio, com uma carta tarjada, vinda da America do norte.

Um irmão do Joaquim, mais velho dez annos do que elle e que embarcara em tempo, fugido n'um navio balieiro, acabava de morrer muito rico e sem descendentes eurgia que alguém da familia, fosse arrecadar a herança.

Ora, o unico filho que restava aos velhos paes, era justamente o Joaquim; a elle competia pois ir buscar aquella herança. Mas as leis severas não consentiam que um mancebo de vinte annos embarcasse sem fiança, por causa do recrutamento.

Debalde se fez ver ás auctoridades que se tratava da liquidação de uma herança e que, finda ella, o Joaquim voltaria á ilha, honradamente. Pois se elle até deixava a noiva, quasi como um penhor!

As auctoridades, porém, com um scepticismo descabellado, encolheram os hombros. O Joaquim encheu-se de raiva ante a sua impotencia monetaria e resolveu fugir para os Estados-Unidos, como fizera o irmão. Depois, no seu regresso, pagaria em bellos *dollars* o seu tributo de sangue.

Era preciso, porém, confiar o projecto audaz á Maria do Rosario.

A rapariga, receiosa como todas as namoradas, concordou, mas com uma condição imprevista: acompanhal-o.

—Como? mulher! exclamou attonito o mancebo.

—Da maneira mais simples. Fugimos ambos.

—Mas eu vou para bordo de um balieiro!

—E eu vou tambem...

—Tu! uma rapariga! Mas não sabes que não é costume irem as mulheres para bordo de taes navios? E que eu vou como marujo?

—Não importa. Irei vestida de homem. Passarei por teu irmão. Todos os perigos que tu correres, quero eu correr tambem.

O Joaquim sentiu-se commovido e estreitou-a de encontro ao coração. E um beijo enamorado, ardente, electrico, sellou este pacto original.

Em a noite aprasada, um dos mais valentes barcos da localidade, tripulado pelos amigos mais corajosos do Joaquim, recebia a seu bordo os fugitivos e afastava-se rapidamente da praia, procurando a algumas milhas de distancia o navio balieiro que os devia receber.

A noite estava escura mas serena. Os olhos exercitados dos pescadores, não divisavam sobre as aguas, nem o navio para o qual se dirigiam, nem qualquer embarcação suspeita, e por isso davam força nos remos, como quem tem pressa em sabir de uma situação difficil.

De subito ouviram ao longe o siivo do vapor da fiscalisação e estremeceram de assombro. Teria havido denuncia?

Ora, o que tinha havido simplesmente, era a noticia de que o navio pairava n'aquellas alturas, o que denunciava contrabando ou emigração clandestina.

Em breve o pharol, no alto do mastro do pequeno vapor, foi visivel. O vapor avançava como um raio.

No barco, todos os braços pararam de remar, e o bote, amortecendo a carreira, conservou-se a breve trecho immovel.

Ninguem respirava. Todos os rapazes semi-curvados, com os olhos fitos no pharol que se approximava vertiginosamente, poderiam contar as pulsações violentas do coração.

O vapor vinha direito ao barco, e ao approximar-se, uma poderosa lanterna electrica varreu as aguas com um feixe luminoso em todas as direcções, pondo o barco a descoberto.

Então o vapor dirigiu-se francamente para o bote, passando-lhe rente. O chefe dos guardas intimou ordem de prisão a todos os rapazes. E um marujo, saltando dentro com uma espia, atou a proa do bote para ser rebocado. Saltaram em seguida todos os quatro guardas da alfandega, armados de revolver e terçado e principiaram a examinar as cavernas do barco, á cata do contrabando que suppunham encontrar.

A Maria do Rosario não lhe convinha de modo nenhum voltar para terra e ser victima da troça das suas amigas e da bordada paterna, por isso que tinha fugido sem o consentimento dos paes; encontrou-se, portanto, n'uma d'estas situações em que se não pode já recuar e em que só uma inspiração feliz ou um rasgo de audacia salva. Abeirou-se pois do Joaquim, que se conservava sombrio e pensativo e segredou-lhe uma idéa.

O rosto do rapaz, illuminou-se de repente de alegria; Joaquim gritou para os companheiros:

—A elles, rapazes!

E precipitou-se inopinadamente sobre um guarda, enquanto a Maria do Rosario, com um pulso de ferro, prostrava de bruços, no fundo do barco, outro guarda.

O exemplo é contagioso e todo o homem novo está sempre prompto para um acto de coragem. Dois pescadores caíram igualmente sobre os outros dois homens. O ataque foi tão rapido e inesperado, que os guardas, espantados, só se lembraram de resistir d'pois de desarmados e quando cada pescador, tendo-os arremessado de bruços no fundo do bote e subjugado com o joelho, lhes atava as mãos atrás das costas.

Ao mesmo tempo que o Joaquim, a Maria do Rosario e outros dois pescadores, carregando com os joelhos d'aço sobre as costas dos pobres guardas, os amarravam solidamente, os quatro rapazes restantes, armados com os revolvers dos guardas, pulavam para o convez do vapor, como pantheras, e caíam sobre o piloto e os dois marinheiros, subjugando os.

A Maria do Rosario, o noivo e os outros dois, depois de terem manietado os guardas, saltaram tambem para o vapor e auxiliaram os seus companheiros a prender tambem o machinista, o fogueiro e o chegador.

Em seguida içaram para bordo do vapor, como fardos, os míseros guardas e estenderam-nos ao relento sobre o convez, ao lado da tripulação.

Estavam livres d'aquelles importunos curiosos dos mysterios da emigração e contrabando nos mares dos Açores, e então a Maria do Rosario, rindo ás gargalhadas e batendo as palmas, teve uma idéa soberba. Saltou ao bote com uma ligeireza tal, como se toda a vida tivesse andado vestida de rapaz, e tirou do seu bahu o chale vermelho, o famoso presente do Joaquim, e prendendo o nos dentes, marchou para bordo do vapor. Em seguida dirigiu-se a popa, amarrou o chale na adriça do mastareo e içou o gentilmente como um pavilhão de corsario.

— Amanhã, ficam sabendo quem fez isto! exclamou ella apontando para o tombadilho, juncado de corpos immoveis.

— Agora, vamos! exclamou por seu turno o Joaquim.

E saltando todos no bote, dirigiram-se á força de remos para o navio balieiro, onde foi resolvido que embarcariam todos para a America.

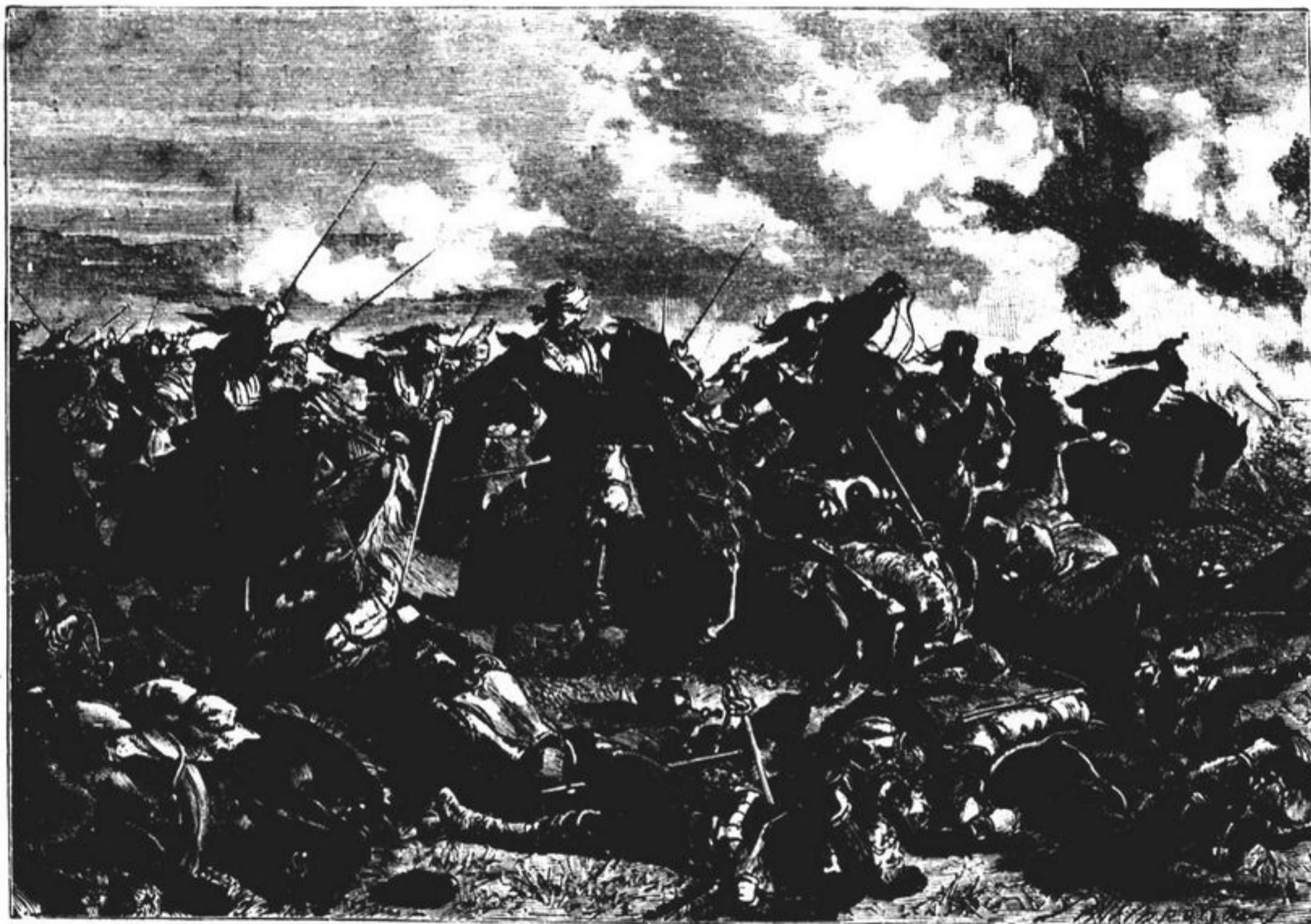
Quando no dia seguinte as auctoridades e os pescadores da costa viram o vapor sem governo, vogando á mercê das ondas, e na popa, tremulando triumphante aquella estranha bandeira vermelha, julgaram que o piloto tinha endoidecido; mas ao atracar, o seu espanto redobrou.

A indignação official foi profunda, desentranhando-se como é de uso em relatorios furibundos e inefficazes, e dando margem á troça monumental da imprensa local de opposição ao governo, que tirou grande partido da originalidade de facto, tratando o mais comicamente possivel a apparição do terrivel CORSARIO VERMELHO nas pacificas aguas açorianas.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



MANOEL OTERO DE ACEVEDO



A CARGA DOS COURACEIROS EM REICHSHONFFEN

(Specimen das gravuras da «Historia de França» por Henry Martin)